

O CAFÉ NA COSTA DO MARFIM

J. TRICART

É com satisfação que oferecemos aos nossos leitores o presente estudo, resultante de pesquisas levadas a efeito pelo Laboratório de Geografia da Universidade de Strasbourg (França) e redigido pelo prof. J. TRICART, Diretor do Instituto de Geografia daquela Universidade. Trata-se do texto que serviu de base à conferência realizada por esse eminente professor francês perante a Seção Regional de São Paulo da A.G.B., no dia 17 de setembro de 1956, tendo sido a tradução feita pela Prof.^a Sônia Maria de Barros Sawaya, sócia cooperadora da A.G.B.

Com uma produção de café que se aproxima de 100 000 toneladas e uma exportação que atingiu, em 1954, 88 292 toneladas, a Costa do Marfim é o principal produtor de café da União Francesa. Essa produção não somente satisfaz importante parte das necessidades da Metrópole, como também aparece no mercado internacional, especialmente através da exportação para os Estados Unidos. Correlativamente, o café tomou o primeiro lugar, antes do cacáu, na economia da Costa do Marfim, fornecendo aproximadamente a metade do valor das exportações do território.

O interesse dessa produção não é somente estatístico: a economia cafeeira da Costa do Marfim apresenta muitos traços originais, que a opõem, sob vários aspectos, à economia cafeeira paulista. Em escala mundial, é uma economia pioneira, a produção só se tendo

NOTA. — A documentação utilizada neste estudo foi extraída de um relatório sobre os problemas de organização dos transportes na Costa do Marfim, elaborado em 1955-56 pelo Laboratório de Geografia da Universidade de Strasbourg para o Território da Costa do Marfim. O trabalho foi efetuado pelas Srtas. Hirsch e A. Schmid e pelos Srs. Guggenbuhl e Le Bourdieu, sob a direção do Prof. Tricart. Empenhamo-nos em agradecer ao Sr. Governador Messmer, ao Diretor dos Trabalhos Públicos, Sr. Millier, que nos encarregaram dessa missão, e a todos que, na Costa do Marfim, facilitaram nossa tarefa, respondendo às nossas perguntas e comunicando-nos dos dados de que dispunham.

desenvolvido a menos de trinta anos e estando atualmente em apogeu. É também uma economia comercializada de pequenas explorações familiares, essencialmente em mãos de Africanos, e que traz à economia de regiões subdesenvolvidas, de populações tecnicamente atrasadas, uma economia comercial. Por fim, essa produção se efetua no quadro de um território colonial, sob a organização de um comércio de câmbio, que imprime às trocas característicos muito especiais.

Para melhor frizar essa originalidade da geografia do café na Costa do Marfim, estudaremos sucesivamente a produção, a comercialização e as consequências do café sobre o desenvolvimento da Costa do Marfim.

I — A PRODUÇÃO

A produção do café na Costa do Marfim está estreitamente condicionada pelos fatores geográficos, tanto físicos quanto humanos, e pelos característicos particulares da evolução econômica do Território, de que derivam tipos originais de produção. Assim, estudaremos primeiramente as condições da produção para depois analisarmos seus tipos.

As condições da produção. — Consistem numa combinação de fatores físicos e humanos.

a) *As condições físicas.*

Na floresta intertropical úmida existe uma variedade espontânea de caféiro — o *Kouilou*. Trata-se de um arbusto que dá produtos medíocres, mas que tem o mérito de estar adaptado às condições climáticas particulares dessa região. Aceita os solos lateríticos pobres, acomodando-se à temperatura constantemente elevada e à alta umidade da floresta densa. É uma planta de sub-bosque, uma planta de sombra.

O Kouilou atualmente não é mais cultivado, mas deu por cruzamentos, especialmente com a Robusta, diversas variedades de *Indenié*, que são utilizadas em nossos dias e que substituíram certos tipos de Robusta.



A principal exigência do caféiro na Costa do Marfim refere-se ao estado higrométrico. O arbusto resiste mal a uma evaporação muito forte. Suas folhas secam e depois caem. Enquanto reconstitue sua folhagem, não permite a colheita. Um período de seca traduz-se numa considerável queda do rendimento e, por vezes, até mesmo ausência completa de produção.

Ora, a estação de secas caracteriza toda a metade setentrional da Costa do Marfim, onde elimina a floresta e impõe a savana. O limite entre a floresta e a savana desenha uma linha bastante irregular, aproximadamente paralela ao litoral, que passa um pouco ao Sul de Touba a Oeste, por Vavoua em seguida e se flexiona para o Sul em forma de V, deixando ao Norte Bouaké, para se reunir à fronteira da Costa do Ouro (Ghana) na direção de Bondoukou. A savana começa onde o regime equatorial ou sub-equatorial de chuvas, com duas máximas (maio-junho e dezembro) cede lugar ao regime tropical com uma só máxima, em julho-agosto-setembro. Nas savanas da Costa do Marfim, os totais anuais de chuva se mantêm elevados, sempre superiores a 1 000 ou 1 200 mm, geralmente na vizinhança de 1 500-1 800 mm, mas com uma estação seca bem definida: em janeiro e fevereiro, as quedas pluviométricas são quase nulas e a quase totalidade das precipitações anuais cae em seis ou sete meses. Além disso, por ocasião da estação seca, sopra um vento proveniente do interior, denominado "harmattan", que, em algumas horas, pode fazer descer o gráu higrométrico a apenas 20%. Então, a "brousse" facilmente se incendia. Móveis e caixas fendem-se, incêndios irrompem nos povoados. Os caféiros mais avançados para o Norte secam, ficam um ano sem produzir e mais sujeitos a moléstias.

A floresta avança até a zona onde os ventos secos não são muito violentos nem muito frequentes. Além, cede lugar às savanas. A transição faz-se por uma estreita faixa, onde se alternam savanas, sobre as colinas e os planaltos mais expostos, e florestas nas áreas deprimidas, onde a umidade do solo compensa a forte evaporação de uma estação seca já acentuada. É a paisagem da floresta-galeria. O caféiro só pode ser cultivado na floresta, mas nas orlas vizinhas à savana sofre a ação do "harmattan", que, mesmo no seio das florestas-galerias, faz secar folhas. Embora algumas plantações tenham avançado até o interior das florestas-galerias, a grande zona de cultura do caféiro, aquela em que os riscos climáticos são menores, restringe-se à área de florestas até 30 ou 50 km aquém de seu limite setentrional.

No interior da floresta, encontra-se o caféiro sôbre qualquer tipo de solo: nenhuma atenção é dispensada às condições pedológicas, pois só se plantam variedades robustas e pouco exigentes. É exatamente o contrário do que acontece com o cacáu, para o qual os Africanos reservam, cuidadosamente, os melhores solos. Na verdade, o caféiro não é indiferente e reage à qualidade da terra pelo seu rendimento e sua resistência às doenças. Mas o produtor, em geral, não cuida dêste aspecto. Os baixos rendimentos da Costa do Marfim (5 a 7 quintais por ha), a qualidade quase sempre medíocre do produto resultam do fato de negligenciar-se completamente o fator pedológico.

No entanto, toda a zona florestal, onde as condições são favoráveis, está longe de ser uma zona caféira. São os fatores humanos e históricos que o explicam.

b) *As condições humanas e históricas.*

A cultura do café, bem como a do cacáu, é de origem estrangeira. Na economia tradicional era ela completamente ignorada. A extensão atual do café, na Costa do Marfim, reflete dois fatos fundamentais. Depende, de uma parte, da penetração das influências econômicas externas, de outra da concorrência que lhe faz o cacáu, instalado antes dêle.

Três fatores entraram em jôgo concomitantemente para implantar na Costa do Marfim a cultura comercial dos produtos coloniais, café e cacáu:

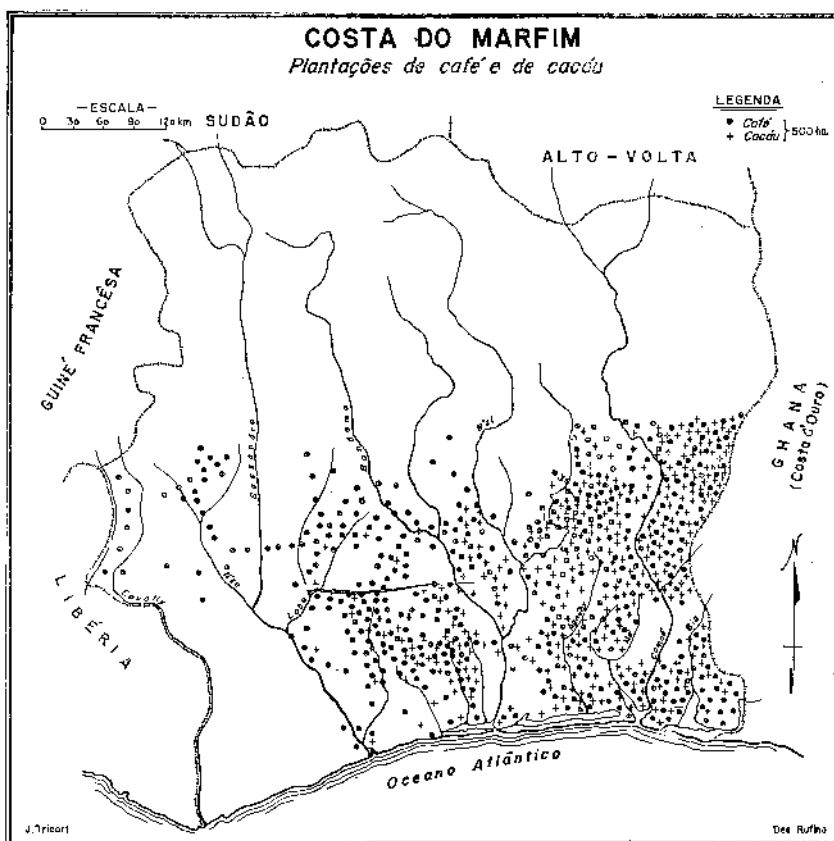
1) *A imitação da vizinha Costa do Ouro (atual Ghana)*, mais evoluída, submetida mais cedo à influência da economia de mercado, politicamente mais bem organizada mesmo antes da colonização, com o poderoso reino Achanti. Pode-se dizer que o avanço econômico e social da antiga colônia inglesa era de uns trinta anos. Serviu ela de exemplo com um desenvolvimento da cultura comercializada que se iniciou no começo do século. As condições foram particularmente favoráveis à imitação da Costa do Ouro, porque a fronteira corta em dois, sobretudo em direção de Abengourou e Bondoukou, na parte setentrional da zona florestal, diversas tribus e povos, dos quais uma parte está fixada na Costa do Ouro e a outra na Costa do Marfim, sem que as relações se tenham

enfraquecido. Os casamentos, as visitas, as trocas frequentes através da fronteira e das alfândegas não têm senão uma eficácia relativa. Foi entre êstes povos, principalmente os Agnis, parentes dos Achantis da Costa do Ouro, que se espalhou mais precocemente a produção comercial. E, como na Costa do Ouro, consistiu ela principalmente em cacáu, desde 1925, plantando-se aí importantes áreas. Uma vez instalada a economia cacauceira, esta região nada deu na especulação caféeira. Não foi senão recentemente, há menos de dez anos, que se plantaram aí cafezais, sobretudo mais ao Norte, em direção à Bondoukou, e a Oeste, nos confins da região de Baoulé. O movimento foi dirigido pelos conselhos da administração, pelos altos preços do café, pelo desejo de diversificar a produção.

2) *A influência dos europeus*, que desde 1910 estabeleceram algumas plantações na Costa do Marfim. Começaram principalmente pelo cacáu, mas logo passaram-se também para o café, combinando muitas vèzes as duas culturas. No comêço, as tentativas foram isoladas. Foi entre 1925 e 1930, que os pedidos de concessões afluíram, de um lado por individuos, de outra por sociedades anônimas. A produção caféeira passou a ser, então, na sua maioria, produto de "plantações" européias. Sua localização reflete fatores contraditórios: terras não muito densamente ocupadas pelos nativos para permitir sua apropriação, mas regiões bastante povoadas para fornecer a mão de obra. As "plantações" européias de café instalaram-se na costa: ao redor de Abidjan, do Grande Bassam, de Sassandra, mas não no círculo de Tabou, dificilmente acessível e semi-deserto. Não se instalaram na região de Agni, fortemente organizada e se defendendo bem contra a evicção de terras. No interior, foi ao Norte de Abidjan, ao longo da via-férrea (Agboville, Dimbokro) e sobretudo à Noroeste, na direção de Divo, Gagnoa e mesmo Man, que se localisaram. Gagnoa é ainda a área onde as "plantações" européias são as mais extensas. Assim, no litoral e no centro-oeste da Costa do Marfim, na região das povoações não atingidas pela influência da Costa do Ouro, foi a "plantação" européia que deu o exemplo da cultura comercial, baseada em grande parte no café.

3) *A influência da administração*, que agiu, até 1945, de maneira severa. O governador Angoulvant, notadamente, fez distribuir mudas e obrigou, sob pena de multas, as aldeias africanas a cultivá-

las. Assim apareceram os “campos do Comandante”, símbolo, para o negro, da opressão colonial. Esta prática, naturalmente, encontrou resistência, de modo geral passiva, tanto mais que, às vezes, foi incoerente: ordenou-se que se fizesse tal ou qual cultura e, depois, realizada a colheita, recusaram-na porque o governador havia mudado ou porque a conjuntura se tinha modificado e a Metrópole dela não mais necessitava. Resultou daí uma desconfiança, e confidências nos foram feitas, a respeito, mais de 10 anos depois, na região de Man. Mais do que a pressão administrativa direta, foram o exemplo e o intuito de lucro que agiram. A administração também contribuiu para a extensão da cultura do café e do cacáu por meio do trabalho obrigatório, organizando uma espécie de recrutamento da mão de obra em proveito dos plantadores euro-



MAPA N.º 1 — Plantações de café e de cacáu na Costa do Marfim.

peus. Muitos negros aprenderam, assim, à força, a cultivar os arbustos. Fixaram-se mesmo, em certos cantos da floresta, aldeias de trabalhadores das savanas (Mossis, sobretudo), transplantados autoritariamente e que passaram a cultivar o cafeeiro. Atualmente, estes métodos não estão mais em vigor e a ação da administração modificou-se consideravelmente. Contribuiu ela mais eficazmente para o desenvolvimento da produção por meio da distribuição gratuita de mudas, de serviços de luta contra as doenças, de conselhos de agentes agrícolas muitas vezes dedicados, mas ainda muito pouco numerosos.

Atualmente, a produção cafeeira se localiza da seguinte maneira (mapa 1):

a) A principal região encontra-se a Noroeste de Abidjan, no eixo da rota Abidjan-Gagnoa-Daloa-Man, chamada por isto "Rota do Café". Divo, Gagnoa, Daloa são os maiores centros, em plena produção. Man lançou-se na cultura mais recentemente, embora já conte com vastas extensões de plantações jovens, que entrarão em produção entre 1957 e 1960. A importância da área igualará, então, a de Gagnoa.

b) A região litorânea ao redor de Abidjan, de Bingerville, do Grande Bassam, com uma ramificação ao longo da via-férrea e anexos isolados ao redor de Sassandra (em decadência) e Aboisso.

c) Nos limites da região do cacáu, ao Norte, ao redor de Bondoukou, a Oeste, ao longo do avanço da savana, chamado V Baoulé.

Na borda da floresta, na parte central da Costa do Marfim, a região de Baoulé, povoada por camponeses trabalhadores, ávidos de lucro, econômicos, que aprenderam como trabalhadores sazonários as vantagens da produção comercial, com os seus vizinhos Agnis, como os Guérés de Man ao redor de Abidjan. O café espalha-se ao redor de Tiébissou, Bouaflé, M'Bahiakro, Ouéllé.

Este mapa da produção mostra, lado a lado, às explorações européias e africanas, as regiões de cultura relativamente antiga e outras onde dominam as plantações jovens. Falta-nos, agora, precisar tudo isto, estudando os tipos de produção.

Os tipos de produção. — É possível distinguir, na ordem de seu desenvolvimento histórico:

a) *A "plantação" europeia.*

Atualmente, ao todo, não contamos senão 220 a 230 plantadores europeus na Costa do Marfim. Em 1953, exploravam 30 000 ha. Atualmente, a cifra é mais elevada em virtude da instalação de sociedades vindas da Indochina: Mas o café não os tenta. A parte dos europeus na sua produção caiu abaixo de 7%. As grandes especulações da "plantação" europeia são a banana, o ananás, a palmeira de óleo e, de futuro, a hévea.

Como se explica este recuo da "plantação" cafeeira europeia?

As "plantações" europeias foram muitas vezes estabelecidas com um espírito pioneiro, com um imperfeito conhecimento das condições locais, principalmente sob o ponto de vista pedológico. Disto resulta, frequentemente, um acréscimo de dificuldades na luta contra as doenças às quais as árvores são mais sensíveis. Uma série de crises ameaçam, assim, este tipo de plantações: algumas são de carácter técnico, outras de carácter económico. A "plantação" busca unicamente conseguir lucros e é organizada para comercializar a totalidade da sua produção. Paga sua mão de obra e, desta maneira, os preços de custo são elevados. Pode-se, eventualmente, lutar algum tempo cuidando-se mal ou mesmo nada das árvores, continuando-se a colher, mas, neste caso, sacrifica-se na realidade o capital. O atual baixo preço do café leva os plantadores europeus a uma tal solução. Resulta daí que muitas "plantações", demasiado especulativas, têm uma atividade intermitente: exploradas durante vários anos, foram elas abandonadas, postas novamente em bom estado e, às vezes, novamente abandonadas. Algumas são compradas por africanos mais ricos, que as podem gerir com maior facilidade, porque lhes acrescentam culturas de subsistência e adotam, às vezes, uma espécie de meação, que lhes torna as despesas de mão de obra menos elevadas e, sobretudo, mais facilmente redutíveis em período de crise.

A "plantação" repousa necessariamente sobre o emprêgo de uma importante mão de obra assalariada, que, de maneira geral, não se encontra toda no local. Antigamente, recorreu-se ao recrutamento autoritário. Após 1946, foi substituído pelo S. I. A. M. O. As necessidades das "plantações" são a origem de uma das mais importantes correntes de deslocamento de pessoas na Costa do Marfim. Para a região florestal, sobretudo em direção ao centro, diri-

ge-se a mão de obra proveniente do Alto Volta, do Sul do Sudão e da Região de Odienné. A migração reveste-se de um caráter sazonal, sendo os trabalhadores empregados de maneira geral desde outubro-novembro até março-abril. Esta corrente combina-se com uma certa emigração definitiva: parte da mão de obra fixa-se nas regiões de "plantação" e para aí atrai parentes e amigos. O S. I. A. M. O. recruta, principalmente no Alto-Volta e em direção a Ferkessedougou, trabalhadores originários do Alto Volta e do Sudão. Ele os encaminhava, primeiramente, por via-férrea. Mas, atualmente, os encaminha também por transporte rodoviário, cujo papel aumentou porque numerosos "plantadores" preferem dirigir-se às regiões de recrutamento com um caminhão, fazendo-os embarcar diretamente.

Produtoras unicamente de matérias de exportação, as "plantações" européias não são capazes, de modo geral, de alimentar por si mesmas seu pessoal. Os trabalhadores dispõem muitas vezes de um pequeno pedaço de terra cedido pelo patrão ou pelo chefe da aldeia mais próxima, mas, em geral, não podem cultivar o suficiente para se alimentar e sobra muito pouco tempo para colher aquilo de que têm necessidade. As plantações européias são, assim, centros importantes de consumo de produtos de subsistência. Representam um importante papel no desenvolvimento do consumo de arroz na Costa-Baixa (Basse-Côte).

b) *A economia de câmbio africana.*

Existe uma diferença fundamental entre os "plantadores" africanos e os "plantadores" europeus. Enquanto êstes visam *única-mente* a produção de gêneros exportáveis, o "plantador" africano é um agricultor que permaneceu mais ou menos tradicional e justapôz, à sua exploração, culturas de café ou de cacáu. Continúa a produzir víveres, mas antes de tudo para as necessidades de sua família e nem sempre em quantidades suficientes. Portanto, a rigor, pode êle conseguir subsistir sem os produtos de sua "plantação". É o que explica sua excepcional resistência às crises. Por ocasião dos períodos negros da crise de 1931-1936 ou da Guerra, êle se fechou sobre si mesmo, cessou de colher seu café e seu cacáu quando êstes não eram mais vendáveis, aumentou um pouco suas culturas de subsistência e diminuiu as compras de produtos importados e de alimentos. Voltou novamente à economia de subsistência tra-

dicional da zona florestal. Como, ao mesmo tempo, as "plantações" européias não podiam mais enfrentar as despesas e pereciam, a parte da produção africana de café e cacau aumentou bastante.

Esta característica das *plantations* africanas explica porque preferimos designá-las sob o nome de "economia de câmbio". Há uma diferença bem menor entre elas e a organização da produção de arrendoim no Senegal, por exemplo, do que entre elas e as "plantações" européias. É, de fato, uma cultura especulativa, inteiramente comercializada, que se enxerta numa economia de subsistência tradicional, mais ou menos modificada, ou, melhor, degradada, e não uma economia inteiramente nova, montada à custa de capitais, mais ou menos industrializada, altamente especializada, como é a *plantation* no exato sentido do termo. Por outro lado, a expressão "economia de câmbio" evita uma confusão: certas "plantações" européias são retomadas por africanos, que não modificam seus caracteres fundamentais. É a estas que convém mais reservarmos o nome de *plantations* africanas, porque tal rótulo lhe corresponde perfeitamente.

A economia de câmbio caféiro ou cacauero reveste-se, aliás, de formas sensivelmente diferentes uma das outras em função da duração da evolução e da estratificação social, que tende sempre mais a se diferenciar com a penetração da economia monetária.

A forma pioneira corresponde ao estágio inicial da evolução. Os habitantes das aldeias adquirem mudas de cacau ou de café e começam a cultivar. Sua aldeia fica localizada ao lado dos campos ocupados pelas culturas tradicionais. Aumentam-se um pouco as parcelas à custa da floresta, plantando-se nela os cafezais. Para o cacáu, as exigências maiores, sob o ponto de vista edáfico, obrigam-nos a escolher os terrenos com maior cuidado. Muitas vezes, vêm-se obrigados a derrubar trechos de floresta bastante distanciados das aldeias. O mesmo acontece com o café. Organizam-se, então, acampamentos habitados temporariamente, na época em que os trabalhos da lavoura reclamam o máximo de mão de obra.

Sob este aspecto, as áreas com culturas de câmbio são reduzidas e igualmente bastante repartidas entre as diferentes famílias. No mais das vezes, 3 a 4 Ha por família, às vezes até menos.

Encontra-se esta forma pioneira principalmente no Oeste da Costa do Marfim, nas subdivisões de Danané, Toulépleu, Guigl, Douékoué e Touba,

A corrida às terras aparece, em seguida. Quando se percebe que a cultura de câmbio traz dinheiro e que as maneiras de gastá-lo se multiplicam, chega-se naturalmente à conclusão de que é vantajoso aumentar ao máximo a produção de café e de cacáu.

É sobretudo para o café que esta atitude desempenha um papel importante, porque sua cultura é mais recente.

Cada família planta o máximo de caféeiros que pode manter, cuidando deles, todavia, o menos possível. Pede-se aos chefes de terras das aldeias permissão de desbastar perto de suas próprias parcelas. Esta febre de desbastamento atinge algumas vezes graus particularmente agudos. Assim, certos camponeses consideram-se lesados se são atribuídas a outros terras contíguas às suas, porque consideram ilimitado seu direito de até elas estenderem-se.

Chega-se, assim, a anexar, por família, 5 a 7 Ha de caféeiros às culturas de subsistência. Naturalmente, estas últimas são cada vez menos cuidadas e seu rendimento abaixa de maneira que a compra de víveres complementares em consequência das más colheitas é cada vez mais necessária. Correlativamente, a corrida às áreas caféieras não permite um cuidado conveniente das árvores, que são o objeto do mínimo possível de cuidados. A colheita é difícil de ser feita pela falta de mão de obra e por não recorrer-se à mão de obra sazonal. Acontece, muitas vezes, que os frutos são recolhidos num grau de maturidade muito desigual.

Este tipo de produção é principalmente difundido em relação aos caféeiros cujas áreas aumentam rapidamente. Encontramo-lo principalmente nos bordos da grande zona caféiera de Gagnoa-Daloa, perto de Tiebissou, em direção ao Man.

Uma diferenciação social e uma organização econômica mais complicada aparecem, a seguir.

Esse estágio é quase sempre encontrado nas velhas regiões cacauceiras, como "La Boucle" do cacáu e nos arredores de Gagnoa, Divo, Toumodi.

A cultura de câmbio integrou-se completamente nos costumes e a sociedade tradicional modifica-se sob sua influência. As "plantações" se estabilizam e são cadastrais. Transmitem-se por herança e por venda, de maneira que as extensões possuídas por cada família se modificam e tornam-se progressivamente desiguais. Certos capitais urbanos interessam-se por elas. Transportadores, comercian-

tes enriquecidos, adquirem cafesais ou cacauais e os fazem cultivar por mão de obra assalariada sob a direção de administradores, também africanos.

Tal comerciante possui duas "plantações" de café de 30 Ha cada uma e uma pequena plantação de cacau de 12 Ha. Reside a 30 km. da mais próxima e somente vai ali para controlar o trabalho ou vender a safra. Assim, desenvolve-se uma propriedade burguesa urbana.

Estas explorações diferem das do tipo europeu pelos seguintes traços:

a) Sua área é menor e não provém de uma concessão oficial. Constituíram-se, em sua origem, no quadro do direito costumeiro, de que resultam, muitas vezes, certas dificuldades jurídicas: os Agnis, por exemplo, vendem trechos de floresta aos estrangeiros e quando as árvores começam a produzir, reivindicam a propriedade com base no direito costumeiro; o comprador deve então transigir e, na verdade, comprar novamente sua própria terra.

b) Sua estrutura econômica é diferente. A monocultura entre eles é muito menos desenvolvida. As culturas de câmbio são cercadas por terras consagradas aos produtos de subsistência; às vezes, estes últimos são cultivados à sombra das próprias árvores. Os trabalhadores da "plantação" se alimentam em parte destas culturas e só recebem dinheiro líquido na colheita.

Esse tipo de produção está ligado, no Oeste e no centro da Costa do Marfim, a capitais urbanos. Sírios e Dioulas possuem, muitas vezes, explorações deste gênero. A cadastragem, que admite as hipotecas, ameaça reforçar esta estrutura. Em outras partes, como na direção de Agnibilekrou, as propriedades importantes pertencem às famílias de notáveis, que souberam lançar-se mais cedo que os outros, muitas vezes sob a pressão da administração, nas culturas de exportação. Finalmente, em certas regiões mediocrementemente povoadas, as famílias dos proprietários rurais estenderam seus domínios, baseando a exploração no sistema do salariado. Típica, a este respeito, é a curiosa "aldeia" de Bonoua, verdadeira cidade rural, que comanda a valorização de uma área de várias dezenas de milhares de Ha no centro das florestas da baixa Camoé. Oitocentas famílias produzem, ali, anualmente, 1 000 toneladas de café e 2 500 toneladas de cacáu. Numerosas são as que possuem 10 ou 15 Ha, até mesmo 25. Este tipo de grande "plantação" familiar

pode ser encontrado na Indenié e na direção de Bondoukou. Facilita a comercialização, oferecendo o produto através de caminhões cheios. Ao contrário, na direção de Adzopé, a pequena plantação individual produz somente alguns sacos, de que resultam longos circuitos de apanha muito onerosos para o produtor.

Como a "plantação" européia, essa grande exploração africana repousa sobre a mão de obra assalariada e é causadora de importantes migrações.

Uma intensa concorrência se estabelece, sob o ponto de vista da mão de obra, entre "plantadores" europeus e africanos. Como o faz notar o relatório do Serviço do Trabalho, os trabalhadores europeus, principalmente os do Alto-Volta, muitas vezes preferem trabalhar com os "plantadores" africanos. Com efeito, estes adotam em geral um sistema de meação, conhecido na região de Abengourou pelo nome de "contrat cacao", que se expandiu rapidamente nêstes últimos anos. Somente alguns grandes "plantadores" africanos não o praticam e sofrem as mesmas dificuldades dos "plantadores" europeus.

O "contrat cacao", adotado também para o café, consiste em encarregar o trabalhador do trato de uma parcela (carpa, apanha das cascas, preparação das favas), assegurando-lhe casa e comida, e pagando-o com 1/3 da colheita. Em geral, o proprietário e o trabalhador sazonal levam juntos seu cacáu ao intermediário e dividem o produto da venda. Às vezes, a porcentagem dada ao trabalhador chega a 1/2, principalmente para o café, na região de Aboisso, particularmente atingida pela falta de mão de obra.

Os trabalhadores apreciam muito êsse tipo de meação, que lhes rende um pagamento às vezes importante e muita liberdade na organização de seu trabalho. É mais vantajoso que o regime salariado nas "plantações", que, com casa e comida, não dá mais que 55 francos por dia.

A prática da meação provoca muitas deserções entre os trabalhadores encaminhados pela S. I. A. M. C. para as "plantações" mais importantes. Desta maneira, os bananais de Azaguié foram abandonados em benefício dos cacauais de Abengourou e os cafezais de Aboisso. Numerosos "mossis" vão diretamente do Alto-Volta para estas regiões, por seus próprios meios.

DIMENSÃO DAS PLANTAÇÕES POR SETOR AGRÍCOLA, COM
BASE NOS DOCUMENTOS DO CADASTRO

Regiões	% de plantações de				
	0 a 2 Ha	2 a 5 Ha	5 a 10 Ha	10 a 25 Ha	Mais de 25 Ha
Abidjan	60	25	10	5	—
Bassam					
Aboisso					
Agboville					
Sassandra	36	37	18	8	1
Grand Lahou					
Abengourou	17	24	26	24	9
Dimbokro	30	40	25	4,5	0,5
Gagnoa	54	34	8	4	
Daloa					
Man	32	34	20	6	8

Dêste modo, a cultura do café está agora profundamente integrada na sociedade africana. Entrou nos costumes de uma grande parte da zona florestal da Costa do Marfim e contribui para a evolução acelerada das estruturas sociais tradicionais e os modos de pensar. Mas, antes de estudar as consequências, é necessário analisarmos a organização do comércio.

II — O COMÉRCIO

Quando o café e o cacáu são colhidos, isto é, em outubro-dezembro, o elemento motor no plano económico é constituído pelo preço corrente mundial. Com efeito, os preços desses dois produtos são livres e o mercado francês sob estreita dependência da conjuntura internacional. O mesmo acontece, com maior razão, para as toneladas exportadas para países estrangeiros. As cotações das Bolsas Internacionais (Nova York, Londres, Havre) determinam os preços pelos quais as casas de comércio compram os produtos destinados à exportação. Levando em conta os lucros deduzidos por cada intermediário e as tentativas mais ou menos importantes de especulação, estes preços repercutem ao longo de toda a hierarquia comercial e influem diretamente no preço pago ao produtor.

Em virtude do perigo que representa, para a economia do território a atual depressão dos preços, instituiu-se, em 1955, um fundo de sustento para o café e para o cacáu, na Costa do Marfim. Seu objetivo previsto consistirá, conjuntamente:

- a) em comprar os produtos, quando seu preço cair abaixo de um certo valor (que ainda não foi fixado), a fim de sustentar tal preço;
- b) em contribuir para a redução das despesas de exportação;
- c) em melhorar a qualidade dos produtos e encorajar a sua produção, estabelecendo programas de modernização.

A própria estrutura dos fundos de sustento do café e do cacáu não modifica em nada, no momento, os circuitos comerciais. O fim desejado consiste, essencialmente, em impedir a queda dos preços abaixo de um certo nível. A concepção mesma destes órgãos se integra numa política de liberalismo. Aqui, ao contrário, tudo está sob a dependência direta, se bem que complexa, dos preços de exportação. Ao custo do aparelho comercial e ao jôgo da especulação juntam-se as despesas de transporte, deduzidas estas também do preço de venda em Abidjan, quando se trata de fixar a soma que cabe ao produtor. O sistema, portanto, é de uma extrema flexibilidade e, de fato, muito sensível, entre outros fatores, às despesas de escoamento. Toda modificação das condições de transporte repercute aqui muito mais rápida e eficazmente sobre o mercado dos produtos, do que no caso do amendoim senegalês, em que a igual divisão das despesas de transporte não permite mais do que uma repercussão diluída no preço líquido médio e que se estende, por causa disto, sobre todo o território.

É suficiente a abertura de uma estrada para modificar, às vêzes em proporções extraordinárias, os preços pagos aos produtores. Assim, na Região de Grand-Bassam, perto de Alépé, o chefe regional citou-nos o caso de uma aldeia que não era servida por nenhuma estrada praticável e onde os caminhões só tinham acesso quando puxados a reboque, através da floresta, e que passou recentemente a contar com uma pista carroçável. O preço de compra dos produtos passou de 70 fr. o quilo para 103 fr. para o cacáu e de 5 fr. a 30 fr. para o cola. Na direção de Abengourou, a apanha de cacáu em veículos "qualquer terreno"; em pistas ruins, provoca um abatimento de 10 fr. por quilo em percursos de somente 10-20 km.

Nessas condições, a política das vias de comunicação repercute direta e imediatamente na Costa do Marfim sobre o poder aquisitivo das populações rurais. O mecanismo da comercialização faz com que as consequências dêste fato sejam às vezes ampliadas, podendo se estabelecer a concorrência e diminuir a margem de lucros dos intermediários. Mas, inversamente, um outro fator entra em jogo. O desenvolvimento das telecomunicações acentua as diferenças entre os preços de compra na cidade e na floresta. Com efeito, os principais mercados de concentração dos produtos, atualmente, refletem as flutuações diárias de preço graças ao telefone e ao rádio. Os encarregados de provêr as casas comerciais podem, assim, seguir a conjuntura de muito perto e modificar diariamente seus preços de compra. Por outro lado, na floresta, o produtor somente é informado pela afixação dos preços realizada por iniciativa da Administração nos escritórios das Regiões, das Subdivisões e dos Serviços Agrícolas. Somente há pouco tempo estas informações passaram a ser comunicadas três vezes por semana. O sistema não é suficientemente flexível para ser verdadeiramente eficaz e o produtor africano tem apenas uma visão incompleta das variações dos preços. Os intermediários, muitas vezes, entram em combinação com o objetivo de explorar esta situação e escondem durante o maior tempo possível as tendências de alta, acentuando as de baixa, exagerando, assim, as margens de que se beneficiam à custa unicamente do lavrador. Somente os plantadores mais ricos podem se defender, os que, possuindo rádio, são informados diretamente das variações de preços ou que entregam pessoalmente às casas de comércio, por meio de seus próprios veículos ou de caminhões alugados.

Tais condições particulares explicam porque as aldeias fazem questão, acima de tudo, de estarem ligadas aos grandes eixos rodoviários por pistas transitáveis e os esforços que fazem para construí-las. Muitas vezes, efetuam a derrubada por seus próprios meios e pedem ao chefe regional que faça passar uma plainadeira e execute alguns trabalhos para pôr a estrada em condições. Às vezes (e constitui isto um grau mais avançado da evolução), chega-se a montar o equipamento de telecomunicações. Tal é o caso da importante aldeia de Bonoua (Região de Grand-Bassam), que instalou o telefone à sua própria custa. Seus habitantes compreendem o meio eficaz de defesa que se lhes oferece.

Só uma minoria de produtores envia diretamente às casas de comércio e entrega sua colheita aos entrepostos destas. Compreende a quase totalidade dos "plantadores" europeus e alguns afri-

canos de importância, que, no mais das vezes, exercem o comércio conjuntamente com a agricultura. Com efeito, são raros os "plantadores" europeus que vendem diretamente no mercado do Havre por intermédio dos corretores. Os expedientes complicados, necessários para a exportação, o atraso dos regulamentos, a espera muitas vezes longa antes que os produtos sejam vendidos são desanimadores e somente os "plantadores" comerciantes assim se organizam. A maior parte das colheitas (85 a 90%) passa pelo complexo circuito do câmbio.

No degrau inferior do comércio se coloca o intermediário ("traitant"), levantino, dioula ou africano de outra raça, "petit blanc". Os europeus, que praticam esta profissão, foram progressivamente eliminados pela concorrência, porque ela exige contatos bastante estreitos com os autóctones, o que raramente fazem. O intermediário é uma espécie de apanhador, possuindo em geral um caminhão, mas, às vezes, contentando-se em alugá-lo por dia. Circula de aldeia em aldeia, visitando os mais longínquos recantos da floresta, comprando os produtos que encontra. Ele próprio os leva a uma casa de comércio, que os compra pelo preço fixado diariamente pela direção de Abidjan em função das cotações mundiais. O intermediário não é um corretor: trabalha por conta própria, sendo assim levado a abaixar o mais possível o preço de compra. Encontra nisso uma garantia contra a baixa e um acréscimo no lucro. Isto explica os "arranjos" que fazem os intermediários à custa do produtor e todas as espécies de fraudes a que se entregam alguns deles, as quais provocam da parte do agricultor, como reação de defesa, outras fraudes. Por isso mesmo, pedras são colocadas nas sacas de café, ao mesmo tempo que os intermediários compram o café de boa e má qualidade por igual preço, praticam fraudes no cálculo do peso ou, muitas vezes, trazem de Abidjan sobras de café e lixo das lojas para misturá-los como o café comprado, quando este é de boa qualidade e pode sofrer tais acréscimos sem sair fora da norma exigida para a exportação. Certas casas também utilizam apanhadores, que recebem um salário mensal fixo, pouco elevado, durante o ano todo, e 1 500 francos por tonelada de produto comprada pelo preço indicado. Este método favorece o aumento de tonelagem e não exclui o pagamento de preços inferiores ao produtor, a diferença sendo em proveito do intermediário.

As relações entre o intermediário e a casa de comércio são variáveis. Geralmente obedecem a adiantamentos, concedidos no início da safra pelo agente local da sociedade exportadora. Dispondo de 50 000, 100 000, 200 000, até mesmo 500 000 frs. ou mais,

o intermediário vai perscrutar as aldeias, fazer seu carregamento, entregá-lo ao seu sócio comercial, que verifica as contas e recebe uma parte desses adiantamentos, enquanto o intermediário aplica seu próprio lucro no circuito, o que permite aumentar o volume de seus negócios. O comércio adquire, assim, uma amplitude maior, no próprio momento em que as quantidades disponíveis se tornam maiores, devido à colheita.

Geralmente, são os adiantamentos das casas de comércio que permitem a saída da safra; sem eles, os intermediários não poderiam carregar seu caminhão e levar o produto para o entreposto. O ritmo do início da safra é determinado, assim, pelo crédito, o que traz importantes consequências em matéria de transportes. No fim de contas, os adiantamentos são concedidos pelos bancos às sucursais das grandes sociedades. Mas esses adiantamentos nem sempre são suficientes e os gerentes das feitorias têm suas próprias contas de adiantamentos, retiradas antecipadamente dos fundos de circulação, prática tolerada sob sua própria responsabilidade. Ora, acontece, às vezes, que numa região em que o estado civil é flutuante e os filmes de "far-west" e de "gangsters" gozam sempre de um público exultante, os intermediários fogem com os adiantamentos que lhes foram concedidos. Alguns dentre eles são presos em seguida, mas nem todos, e geralmente aqueles que são apanhados já trataram antes de se tornar insolventes. O agente comercial corre, pois, considerável risco, o que o leva a ser prudente na concessão de adiantamentos. Mas, se ele o é demasiadamente, coloca-se em posição de inferioridade em relação aos seus concorrentes que, mais liberais, fazem entrar mais mercadorias e crescem seu volume de negócios à custa dele. Há uma questão de conhecimento dos homens e da região, de dosagem, de tato. Certa sociedade recentemente instalada na Costa do Marfim aproveitou este sistema, aplicando-o em seu próprio benefício: não faz adiantamentos e compra a dinheiro por um preço superior de 1 fr. ou 1,5 fr. por quilo. Dessa maneira, numerosos são os intermediários que, tendo recebido adiantamento de uma outra firma, vêm lhe entregar o carregamento adquirido com estes adiantamentos, recebem o seu valor e partem a seguir para fazer um novo carregamento destinado, esta vez, à casa que lhes concedeu os adiantamentos. Tal procedimento penetrou bastante nos costumes, impedindo que os tribunais possam condená-lo.

Acontece, cada vez mais frequentemente, que o intermediário utilizado pelas casas de comércio seja uma pessoa que tenha delas comprado um caminhão a crédito. Fazendo-o trabalhar, asseguram

sua solvabilidade, ao mesmo tempo que o caminhão constitui uma garantia. Por outro lado, vendem-lhe acessórios, peças sobressalentes e até mesmo combustível. Seu volume de negócios aumenta assim como bola de neve. Tal regime representa um grande papel na preferência concedida aos transportes rodoviários. É importante, também, para o encaminhamento dos produtos até os entrepostos e até Abidjan.

Acima do intermediário, degráu de base obrigatório, organizam-se dois circuitos comerciais paralelos, que, todavia, não deixam de ter pontos de contato.

O mais importante é constituído pelas *casas de comércio*, sucursais regionais das grandes firmas coloniais ("F. A. O.", "S. C. O. A.", "C. I. C. A.", "Africana francesa", "C. F. C. I.", etc.) ou casas instaladas somente na Costa do Marfim ("Soucaïl", "Mas-sièye e Ferras", "Abile-Gal", de "Tessières", etc.), até mesmo certas empresas puramente locais, importantes em determinada praça de comércio (por ex., "Nivet" em Dimbokro e Bouaké, "Nicklaus" em Man, "Bouvard" em Abengourou e os "Irmãos Beuglot" em Kotobi). As casas de comércio possuem uma organização tanto mais hierarquizada quanto mais importantes são. Pode-se tomar como exemplo disto a "F. A. O." ou a "S. C. O. A." Primeiramente, existe na Metrópole uma direção geral que se dedica aos estudos comerciais, à organização de conjunto da firma, ao exame dos mercados; cabe-lhe decidir o raio de ação dos diversos *escritórios*. Os *escritórios* são direções regionais autônomas, possuindo cada um seu domínio geográfico bem delimitado. Assim, no Sudão, decidiu-se que as feitorias que a "F. A. O." e "S. C. O. A." pretendem abrir em Cicasso dependerão dos escritórios de Bobo-Dioulasso e não dos de Bamako, visto que as despesas de transporte pelo Alto-Volta são menos elevadas. O escritório tem a liberdade de fazer suas próprias encomendas na Europa e trata da exportação de seus próprios produtos, naturalmente dentro do quadro dos estudos de mercados mais gerais efetuados pela firma. Esses escritórios decidem as vias de transporte e do escoamento das mercadorias que manipulam: deles, somente deles depende que um caminhão de café comprado em Daloa seja embarcado em Sassandra ou em Abidjan. São eles também que fixam os preços de compra pelas suas próprias feitorias, levando em conta a qualidade média da região, as despesas de escoamento, os preços mundiais e suas tendências. Abaixo dos escritórios, vêm as *feitorias* sempre dirigidas por agentes europeus. A *feitoria* concentra os produtos, concede adiantamentos, trabalha diretamente com os intermediários.

Seu chefe é responsável por tôdas as atividades locais da firma no quadro fixado pelo escritório em relação ao preço, ao montante total dos adiantamentos, abastecimento, etc. Finalmente, sob o contróle de cada escritório, funcionam *postos*, sem nenhuma liberdade comercial, muitas vêzes confiados a agentes africanos, estreitamente vigiados e não tendo iniciativa alguma. Contentam-se em vender por um preço fixado as mercadorias que possuem em estoque e em comprar os produtos que lhes são trazidos igualmente por um preço indicado. Seu papel, na concentração dos produtos, é muito mais reduzido que o dos intermediários porque êstes se beneficiam dos adiantamentos e de um meio de transporte. Muitas vêzes, limitam-se a armazenar os carregamentos trazidos por êstes últimos, conforme as ordens dadas pela feitoria.

A dificuldade de recrutar um pessoal honesto e qualificado torna esta organização rígida. Acontece, periódicamente, que agentes considerados honestos fogem com a caixa quando esta atinge um nível que julgam suficiente para compensar o sacrifício de sua reputação. Dessa maneira, para evitar as fugas e as prevaricações, os produtos da safra e os artigos importados seguem necessariamente um circuito demarcado pela hierarquia das funções comerciais. Café, cacáu ou outros produtos de comércio são entregues diretamente à feitoria pelos intermediários ou depositados num posto. Nesta última hipótese, a casa os encaminha, seja em caminhão de aluguel, seja em seus próprios veículos até a séde da feitoria, que os despacha novamente para os armazens gerais do pôrto de exportação, segundo as ordens recebidas do escritório. Ali, a mercadoria é armazenada a fim de ser acondicionada e, depois, expedida para além-mar. Feitoria e escritório são, assim, pontos de entrepostos obrigatórios, mesmo quando isto implica um alongamento dos percursos. Admite-se que as fugas e pêrdas de tôda a espécie que, assim, são evitadas compensam largamente as despesas de transporte acrescidas. É o que explica, por exemplo, que o café comprado pela "S. C. O. A.", "Abile-Gal", "F. A. O." ou a "C. F. C. I.", em Toumodi (onde não existe senão um posto destas diversas sociedades) seja enviado por estrada para Dimbokro, onde se encontra a feitoria da qual depende Toumodi, para ser de lá novamente expedido para Abidjan, em parte por trem, mas em parte também por estrada, o que faz com que passe de novo por Toumodi. Circuito aparentemente irracional, mas que tem suas justificativas. Por outro lado, os intermediários e apanhadores vão onde lhes apraz e absolutamente não limitam sua atividade à circunscrição da feitoria à qual fazem as entregas. Por

exemplo, o cacáu da subdivisão de Adzopé é entregue às feitorias de Abengourou e passa novamente por Adzopé quando é expedido para Abidjan. A organização das casas de comércio se readapta progressivamente aos eixos de transporte. Assim, Adzopé depende (salvo para a "CFCI") das feitorias de Agboville, que anteriormente o abastecia. O asfaltamento da estrada direta faz com que os produtos comprados pelos postos sejam enviados a Abidjan por esta via. Agboville encarrega-se somente da contabilidade.

Esta organização provoca numerosas idas e vindas inúteis, impossíveis de serem contabilizadas.

As casas de comércio menos importantes não cobrem, geralmente, senão uma parte deste percurso. Algumas, como a "Nivet", não exportam e entregam seus produtos comerciais em Abidjan para as grandes sociedades. Outras, como a "Nickhaus", trabalham com corretores da Metrópole por intermédio de exportadores.

Paralelamente a esta organização, existe uma outra.

Certos comerciantes independentes, principalmente europeus ou sírio-libanêses, compram diretamente nos mercados ou através de intermediários por conta própria e entregam por atacado às casas de comércio. Outros entram em entendimentos com compradores estrangeiros e combinam em proporções variadas o trabalho de corretagem com comissão e a compra firme por sua própria conta. Este gênero de atividade desenvolveu-se bastante em 1954, principalmente para o cacáu, graças aos preços muito elevados atingidos neste ano. Com efeito, novos compradores não puderam se impôr no mercado a não ser pagando mais os produtos de comércio, às vezes de 3 a 4 fr. por quilo, o que não foi possível senão em conjuntura de alta rápida.

O número de comerciantes levantinos aumentou consideravelmente nêstes últimos anos. As patentes que retêm passaram de 350 em 1950, a 1150 em 1955. Alguns realizaram fortunas consideráveis, como Mr. Nassar, que construiu um grande prédio na rua comercial de Abidjan. Todavia, seu papel está longe de ser tão importante na Costa do Marfim como no Senegal ou no Sudão. O produtor é bastante abastado e colhe suficientemente produtos de subsistência para não depender de seus adiantamentos costumeiros. Por outro lado, a própria evolução do comércio, facilitada pelo desenvolvimento das vias de comunicação, não lhes é favorável. Em Abidjan, como nos grandes centros, a tendência é para uma especialização crescente das lojas. Isto requer qualidades técnicas que, geralmente, faltam aos levantinos. Alguns se especializaram nas especiarias, mas a maior parte vende de tudo. Seguem dificilmente o

movimento e absolutamente não podem lutar, nem sob o ponto de vista da qualidade de serviço, nem quanto aos preços, contra as lojas especializadas, de padrão europeu, pertencentes às grandes firmas. No interior, o sírio subsiste como intermediário, como apanhador, como lojista. O desenvolvimento das comunicações, o acréscimo do volume monetário nas regiões de comércio lhes são desfavoráveis. As ocasiões de especular, que lhe forneciam a penúria e a má informação dos produtores, escasseiam. Cada vez mais, o africano torna-se lojista e intermediário e concorre duramente com êle. Uma grande sociedade, que trabalha em todo o território, nos deu as proporções seguintes para as suas compras de produtos:

Comissários — compradores por ela ajustados — 10%
Levanticos — 30%
Africanos — 30%
Europeus — 30%

Os europeus são comerciantes locais, que fazem as entregas seja em Abidjan, seja nas feitorias importantes e que utilizam apanhadores ou intermediários, em suma atacadistas.

Dai não se pode concluir que as grandes sociedades tenham diminuída sua parte no comércio. Elas concentram seu esforço financeiro sobre o equipamento das lojas na cidade e suas atividades comerciais sobre a exportação-importação. A maioria delas fecha seus postos nas florestas e deixa o cuidado da apanha para os intermediários. Negociam, principalmente, por atacado e semi-atacado, embora trabalhem no varejo em suas feitorias. Esta evolução dá um novo papel aos europeus médios, aos "plantadores", aos exploradores das florestas, aos transportadores, que dispõem de uma pequena rede local de postos de compra e de caminhões.

Correlativamente, desenvolve-se a venda para exportação por corretagem dos corretores especializados que se instalaram em Abidjan e colocam diretamente o café e o cacáu nos mercados de consumo, trabalhando por conta das sociedades médias independentes e dos "plantadores" importantes.

Tende-se, assim, a uma modificação progressiva do sistema de comércio fundado sobre a permuta direta, pela troca na origem, de produtos locais por mercadorias importadas. As grandes sociedades comerciais concentram seu esforço na importação e abastecimento de produtos importados. Por ocasião da safra de 54-55, algumas delas, que se adiantaram mais nessa via, não comerciaram

senão 1/4 ou 1/5 do café e do cacáu que haviam comercializado nos anos precedentes.

Sob o efeito da baixa dos preços dos produtos, que ocasiona dificuldades financeiras, as grandes sociedades reduziram consideravelmente os adiantamentos para a safra de 55-56. Os adiantamentos por várias semanas, que permitiam aos intermediários especular por conta própria, foram geralmente substituídos por adiantamentos por alguns dias, que eliminam esta possibilidade. Não é possível, ainda, examinar as repercussões desta modificação sobre as modalidades de encaminhamento dos produtos.

Desta maneira, o circuito mais anárquico que combina apanhadores, intermediários e comerciantes mais ou menos independentes, trabalhando diretamente com os corretores ou com os centros de Abidjan das grandes casas, adquire uma importância crescente. No domínio dos transportes, esta tendência favorece a rodovia em detrimento da ferrovia.

A comercialização do café e do cacáu se efetua, pois, por intermédio de circuitos comerciais complexos, nos quais o crédito e os métodos originais desempenham um grande papel e dominam em grande escala a própria circulação dos produtos.

III — AS CONSEQUÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO DAS CULTURAS COMERCIAIS

Não é possível estabelecer a distinção entre as consequências do desenvolvimento da cultura do café e do cacáu. As duas culturas proporcionam lucros comparáveis e apresentam a mesma estrutura econômica. Introduziram uma economia especulativa de mercado nas regiões onde reinava antes uma economia de auto-consumo. Essa modificação repercute nos transportes, na geografia do consumo, nas relações entre regiões vizinhas e, finalmente, na própria organização social.

As consequências do desenvolvimento das culturas comerciais são demasiado complexas para que as possamos estudar todas em detalhe. Contentar-nos-emos em mostrar seus principais aspectos.

O desenvolvimento da circulação. — As vias de comunicação na Costa do Marfim, de que o essencial converge para Abidjan, se compõem de uma linha de estrada de ferro, que chega ao Alto-Volta e atinge hoje Quagadougou e de uma rede de rodovias, a maior parte praticáveis durante o ano todo. A estrada de ferro

é bem anterior ao desenvolvimento da cultura do cacáu e do café: data do período da conquista e foi construída para facilitar a travessia da zona florestal. Desde 1911, os trilhos atingiam Bouaké, nas savanas. Estabelecida sem os cuidados necessários, com um mau perfil, a linha foi em parte refeita. Um grande esforço de modernização se realiza, resultando na substituição de locomotivas que queimam lenha por locomotivas Diesel-elétricas.

Todavia, a ferrovia escoia apenas uma pequena parte do café: pouco mais de 1/5. Por que isto acontece?

Primeiramente, a via-férrea atravessa a floresta, no ponto mais curto, para alcançar novamente o "V baoulé". Seu tráfico cafeeiro só começa em Bouké e adquire importância somente em Dimbokro. Favoreceu, no entanto, o desenvolvimento das "plantações" nas suas imediações. Ora, o café concentrado em Bouaké (7.200 ton., em 1954) escoia-se pela via-férrea somente na média de 3 000 ton. É a rodovia que transporta todo o resto, mais da metade, perto de 2/3.

Tal fato põe em evidência a concorrência considerável feita pela rodovia em relação à ferrovia no transporte dos produtos comerciais, sobretudo o café. É ela que desempenha papel decisivo no seu encaminhamento para Abidjan e realiza mais de 95% da exportação.

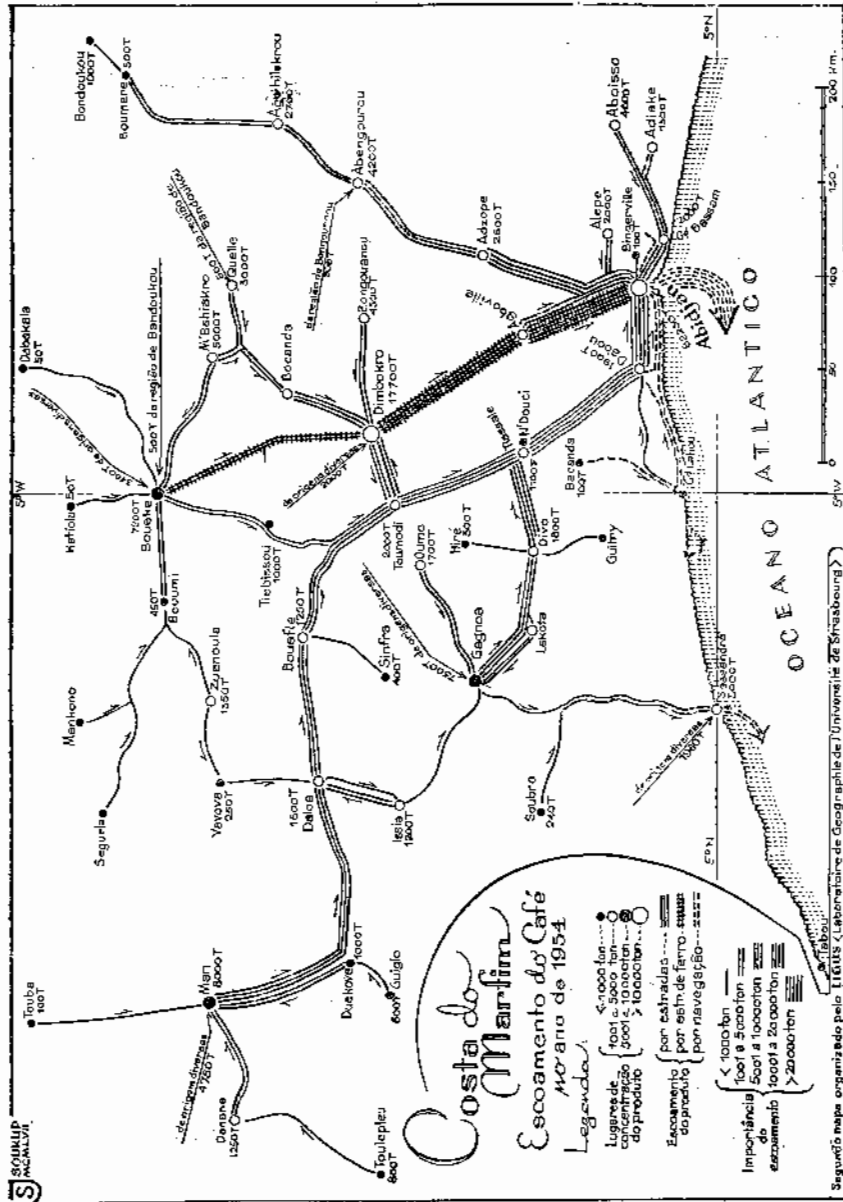
Quais são as vantagens da rodovia?

Primeiramente, a da flexibilidade. O caminhão circula facilmente nas estradas em bom estado, cuidadosamente conservadas em toda a região cafeeira. De Man a Abidjan, fazem 600 km. em cerca de 20 horas. De Gagnoa à Abidjan, as velocidades médias são igualmente boas. Ora, a estrada de ferro é lenta, faltam-lhe vagões e engarrafa-se facilmente. Não é raro os expedidores esperarem 8 a 15 dias o vagão que lhes é necessário. Ora, o café sofre fortes e bruscas variações de preço. O comércio de câmbio exige uma circulação rápida dos fundos. O intermediário, que recebeu um adiantamento, deseja fazer suas compras o mais rapidamente possível, entregá-las no menor prazo a fim de imediatamente partir para fazer novas compras; colocando seus próprios lucros na operação, deseja aumentar na mesma proporção o volume dos seus negócios. A lentidão do transporte ferroviário é um obstáculo a estes métodos comerciais. Por isso, o intermediário não utiliza jamais a estrada de ferro. Somente as grandes casas comerciais recorrem a ela para transportar o café, que já armazenaram nas suas feitorias situadas ao longo da via-férrea, para enviá-lo a Abidjan. Principalmente Dimbokro, que a rodovia atinge somente através

de um grande desvio, é que alimenta o tráfico cafeeiro pela estrada de ferro e, assim mesmo, perto de 15% do café concentrado em Dimbokro é escoado pela rodovia. Essa insuficiência e flexibilidade do transporte ferroviário não é compensada por tarifas particularmente vantajosas. As taxas de frete rodoviário são sensivelmente equivalentes às tarifas da estrada de ferro. Situação paradoxal se levarmos em conta que o essencial da frota rodoviária da Costa do Marfim se compõe de caminhões leves, movidos a gasolina, com um peso de somente 5 a 6 ton., portanto de exploração muito onerosa.

Esse paradoxo se explica por condições de estrutura. Com efeito, a maior parte dos caminhões não pertence a transportadores. Estes, com efeito, possuem apenas 14% dos veículos. O restante, fora da administração, está nas mãos de comerciantes. As próprias condições do comércio obrigam o intermediário a possuir ou a alugar um veículo para ir recolher o cacáu e o café nas aldeias. Assim que reúne um pequeno capital, o intermediário compra seu caminhão. A partir de então, é tentado a servir-se dele o mais possível e a encaminhar o seu café até um centro comercial importante, tirando proveito das margens concedidas aos transportadores.

Mas isto não basta ainda para explicar o extraordinário desenvolvimento da circulação rodoviária na Costa do Marfim. Um fator psicológico junta-se a isto. A posse ou, mesmo, a simples utilização de um veículo é uma verdadeira promoção social, muito apreciada por todos os africanos. Desta maneira, uma das primeiras grandes despesas que se faz quando se dispõe de dinheiro é a compra de um carro. A família tradicional ou as associações de parentes e amigos compram em sociedade um caminhão ou um carro de turismo, confiam-no a um dentre eles e eis um veículo a mais no mercado dos transportes. Não se pratica nenhuma gestão econômica: nenhum lucro líquido é calculado. Todo o dinheiro que é recebido após uma viagem é considerado como lucro e distribuído aos co-proprietários. Sobrevenha, porém, algum desarranjo e todos se esforçam para reunir o dinheiro necessário ao contrário, não existindo reserva alguma para a amortização. O veículo acidentado ou fóra de uso raramente é substituído imediatamente. É preciso esperar uma nova entrada de dinheiro. Em suma, o setor transporte dessa economia é um setor parasitário, que vive à custa dos outros, incapaz de se financiar de maneira autônoma. As compras de veículos obedecem não às necessidades, mas às entradas de dinheiro, principalmente às da safra. Em 1954, em



MAPA n.º 2 — Escoamento do café na Costa do Marfim, no ano de 1954.

que o café e o cacáu foram vendidos a bom preço, o dinheiro tendo sido abundante, as compras de veículos atingiram cifras recordes. Resulta disso um certo super-equipamento em carros, que pesa naturalmente sobre as taxas de frete. Estas últimas baixaram consideravelmente, 8 e 9 fr. a tonelada-quilométrica, até o nível das taxas de estrada de ferro. Tais tarifas, naturalmente, não permitem nenhuma amortização, mas o transporte rodoviário persiste, uma vez que seus investimentos são pagos por outros setores econômicos. Este entusiasmo pelo automóvel não se limita aos transportes de mercadorias. A Costa do Marfim possui uma enorme circulação de viajantes e parte das rendas consagradas aos deslocamentos é muito importante. É, naturalmente, a zona florestal, onde os recursos são elevados, que mais participa disto. Novo paradoxo: não existem praticamente linhas regulares de carros. O africano utiliza caminhonetes munidas de banquetas, comportando uns vinte lugares, ou carros particulares fazendo serviço de taxi, que partem quando o motorista conseguiu lotar com um máximo de passageiros desejando ir para o mesmo destino. Diariamente, tais taxis partem de todas as localidades da zona cafeeira na direção de Abidjan, levando homens e mulheres que se deslocam pelos motivos os mais fúteis, mas sempre munidos de algumas mercadorias que venderão ao chegar. Essas viagens têm muito de turismo e são um índice de abundância. Realizam-se em veículos cada vez mais dispendiosos e que seriam confortáveis se não houvesse um excesso de passageiros. Antigamente, contentavam-se com caminhões e encarapitavam-se sobre os sacos de mercadorias. Isto não mais se vê nas regiões de cultura de exportação. Deixa-se tal maneira de transporte para os trabalhadores das savanas do Norte, demasiado pobres para pagar melhor meio de condução. Mesmo as caminhonetes equipadas com banquetas não gozam de popularidade. São substituídas por verdadeiros micro-ônibus, especialmente construídos, e, cada vez mais, pelos taxis. Em 1955, a maioria desses taxis era de marcas francesas. Agora, os grandes carros americanos de luxo os substituem cada vez mais, não obstante seu enorme consumo de gasolina. E vêm-se Cadillacs circular com uma dezena de pessoas amontoadas no interior, tendo em cima um bagageiro com cachos de bananas, sacos de café, caixotes de frangos e, mesmo, um ou dois viajantes sobre eles encarapitados...

Este desenvolvimento da circulação contribuiu para engendrar modificações do equilíbrio regional.

As modificações do equilíbrio regional. -- Todas as regiões cafeeiras não se beneficiam dos mesmos lucros líquidos. Assim,

em 1954, os rendimentos médios, "per capita", em dinheiro líquido, calculada por região, oscilavam de 25 000 fr. nos arredores de Dimbokro a 5 000 ao Sul de Man. São estes rendimentos que determinam o consumo de produtos importados, já que a economia cafeeira da Costa do Marfim continua a associar-se a uma produção de subsistência destinada ao auto-consumo.

Dêste acréscimo rápido de recursos resultam profundas modificações no consumo. Compram-se quantidades crescentes de produtos que, antes, eram utilizadas somente nas cidades, o que reforça certas correntes comerciais tradicionais ou, mesmo, cria outras inteiramente novas.

No plano da alimentação, a zona florestal da Costa do Marfim se caracteriza pela insuficiência dos recursos em produtos animais. Os bovinos aí não podem viver devido às moscas que transmitem a doença do sono. A criação é extremamente reduzida, compreendendo somente aves e alguns raros carneiros e cabras anãs. Outrora, a carne era fornecida principalmente pela caça. Seu consumo reduzido, acidental, ocasionava verdadeiras orgias. A abundância modificou estas condições e as regiões de cultura puseram-se a consumir regularmente carne de vaca, peixe seco e conservas. Naturalmente, essas mudanças efetuam-se com um certo atraso e os novos hábitos alimentares só se instalam alguns anos depois do aumento de rendimento que os torna possíveis. Nas regiões onde as culturas comerciais são antigas é que podem ser melhor observadas, como ao redor de Bongouanou (região do cacáu) e do Divo (café). Inquéritos muito minuciosos, feitos na Subdivisão de Bongouanou pelos serviços oficiais, mostraram um consumo médio diário de 17 gramas de carne de vaca, de 15 gramas de peixe seco e de 6 gramas de farinha de trigo por indivíduo. Isto indica que, em média, se come peixe seco e carne uma vez por semana, ao invés de 2 ou 3 vezes por ano como outrora. Peixe seco e carne são duas das grandes importações da Costa do Marfim florestal. Vêm das regiões do Norte, principalmente do Sudão. Com efeito, o peixe seco não é fornecido pelo mar bem mais próximo, mas pelo rio Níger, no qual se encontram os dois grandes mercados de Segou e Mopti. A carne vem das savanas do Sul do Sudão, do Norte da Costa do Marfim e mesmo da foz do Níger, de onde os rebanhos vêm em parte a pé, em parte por estrada de ferro.

O aumento do poder aquisitivo se traduz, também, pelo aumento das compras de bebida. O vinho tornou-se habitual: em Bongouanou, consome-se, em média, 19 gramas por dia. Isto, aliás, constitui um progresso, pois substituiu as bebidas alcoólicas que,

com os fuzís, constituíam um dos produtos de comércio mais frequentes no século XIX. A cerveja e a limonada difundem-se também cada vez mais, sendo fabricados em grande parte em Abidjan.

Ao lado desses produtos alimentícios, compram-se também cada vez mais produtos manufaturados. As bicicletas tornam-se comuns, os aparelhos de rádio, os colchões de molas, até mesmo as geladeiras. Renunciam-se às construções tradicionais e constroem-se casas com muros rebocados, telhados de folhas metálicas, com portas e janelas, e assoalhadas.

Ora, tôdas estas modificações estão ligadas à existência de um poder aquisitivo muito aumentado pelas culturas de exportação. Não interessam elas senão à zona florestal. As regiões da savana do Norte não participam diretamente destas modificações, do que resulta um grave desequilíbrio regional. Ao passo que os rendimentos médios "per capita" sobem de 10 000 a 35 000 fr. por ano nas regiões de culturas, permanecem na ordem dos 2 000 fr. nas savanas do Norte da Costa do Marfim e menos ainda na maior parte do Sudão e do Alto Volta. Na Costa do Marfim, cerca de 90% dos produtos importados são consumidos na zona florestal, que possui um pouco menos da metade da população (excetuando Abidjan). É que as savanas ainda não puderam adotar nenhuma cultura de exportação rendosa. Tôdas as tentativas realizadas terminaram em fracasso. Tal é o caso, por exemplo, do algodão, que dá lucros irrisórios, em consequência dos baixos rendimentos e dos preços de compra insuficientes. Resulta daí um desnível muito nítido na evolução da economia e dos níveis de vida entre as zonas de "plantação" da floresta e das savanas.

Mas este desequilíbrio, por sua vez, reforça os laços inter-regionais. Na ausência de culturas comercializadas, os habitantes da savana procuram obter dinheiro de duas maneiras, ambas encorajadas pela administração: o desenvolvimento das culturas de subsistência, fornecendo excedentes que são exportados para a cidade; e a emigração temporária. Os rapazes abandonam a sua região por 4 ou 5 meses, durante a estação seca da savana, para ir trabalhar nas "plantações". Voltam, em média, com 15 000 francos cada um e algumas compras. O comércio dos bois e do peixe seco beneficia também a savana com alguns lucros importantes, provindos da zona florestal. Em 1954, no total, foi cerca de 4 milhões que assim ganharam as regiões do Norte. Todavia, no estado atual dos métodos de produção, a venda dos excedentes dos produtos de subsistência, de gado, de peixe seco, não pode permitir uma elevação rápida e importante de lucros. Com a evolução das regiões

de cultura o desnível não diminui, acentua-se, e com êle as migrações de mão de obra.

A introdução da cultura do café e do cacáu modificou, assim, profundamente os dados da Geografia humana e econômica da zona florestal da Costa do Marfim. Tais culturas tornaram este território o membro mais dinâmico da federação da A.O.F., fornecendo, somente êle, 47% de todas suas exportações. Essa região florestal, outróra refúgio das populações vencidas e repelidas pelos conquistadores, fundadores de impérios, para as savanas do Norte, torna-se, agora, por uma completa inversão da situação, o elemento motor da evolução.

BIBLIOGRAFIA

1. LEFFRE (R.): *Cacao et café, cultures "révolutionnaires". L'évolution des peuples de la forêt* (Avec une carte ethnique forestière de la Côte d'Ivoire). "Rev. de Géogr. Humaine et d'Ethnogr.", I, n.º 4, 1949 p. 52-62.
2. FRECHOU (H.): *Les plantations européennes en Côte d'Ivoire*. "Cahiers d'Outre-mer" n. 29, 1955, 32 pg.
3. ZELENSKY (V.): *Le cadastre des plantations caféières et cacaoyères de Côte d'Ivoire*. "Agro. Tropicale", X, 1955, p. 551-581.
4. TRICART (J.): *Les échanges entre la zone forestière de Côte d'Ivoire et les savanes soudaniennes...* "Cahiers d'Outre-mer" IX, 1956, p. 209-238.